

POEMAS AO PADRE VIEIRA

Marco Lucchesi

Tão fero

Tão fero
do tesouro
que seus olhos guardam

o tempo é um mar sem fundo

e livre de baixios

que se percorre

em braços

e jamais se acaba

em léguas

olvidos e ladezas

Não há mirada e nem tão vasto

olhar

que atinja plenamente

seus vestígios

Não se retrata

da erronia

em que se perde

nem é matéria

de firmado

magistério

As mãos sempre

vazias

perdulário

nos sonhos náufragos

que se despenham

pelas colaterais

constantes rochas

Nos labirintos

onde

a glória se dilata

o tempo
flui por angras e baías
em seus distantes braços afluentes
por onde passa a líquida vertigem

Tordesilhas
transparentes
separam
o fundo e a superfície das capitâneas
que não figuram nos antigos mapas
e as léguas são
tomadas a partir
das ilhas
cabo verde do desejo

O tempo
é um istmo
que avança
noite adentro

no longe incerto

das passadas coisas

E as mandíbulas

da eternidade

procuram-lhe amiúde a jugular

Ai rígidos combates

Ai rígidos combates que se arrastam

nos verdes campos de teus olhos

entre mouros e christãos:

o fio das *espadas de são Jorge*

a malferida *lágrima de Cristo*

os híbridos *comigo-ninguém-pode*:

e na Jerusalém

das plantas

desavindas

já não termina a guerra vegetal

(O texto é um rascunho de poema inédito sobre os tempos de Vieira.)